



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

CULTURAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Adriana Ribeiro dos Santos Quintanna¹

Wolcir Giovani da Rosa Júnior²

Introdução

Ao longo da História o currículo tem sido relacionado a um projeto de controle do processo de ensino-aprendizagem. Geralmente está associado a um “plano ou programa” que de forma explícita ou implícita seleciona os conteúdos considerados superiores, legítimos. É uma lista de conteúdos programáticos, nos quais: “[...] se ordena a cultura essencial, mais elaborada e elitizada [...] centrada nos conteúdos como resumo do saber culto e elaborado sob a formação das diferentes disciplinas”. (SACRISTÁN, 2000, p.39). Essa é uma herança do currículo proveniente dos valores do homem branco, europeu, de classe alta, que marginaliza outras experiências e formas de conhecimento.

A partir dessa afirmação podemos perceber as dificuldades que os docentes e demais profissionais da educação terão em ressignificar sua prática diante de um currículo que elege como superior uma determinada cultura e exclui as demais. Nessa perspectiva a diversidade cultural é vista como um empecilho que deve ser superado através de uma educação comum e igual a todos, implantando uma cultura oficial, legítima. O que vemos aí é uma confusão entre igualdade e homogeneidade. A igualdade é o processo pelo qual todos são considerados iguais, todos tem os mesmos direitos de expressão, portanto todas as culturas são legítimas. No entanto o discurso da homogeneidade torna-se contraditório pois segue ligado as tradições de padronização de comportamentos e conhecimentos.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre. Email: adrianaribeirodosantos34@gmail.com

² Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre. Email: Talitaegiovani2@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Moreira e Candau (2003) destacam em seu artigo que ao decorrer das pesquisas, depararam-se em diversos momentos com as dificuldades apresentadas pelos professores de romper com essa perspectiva monocultural que impede a noção de práticas que atendam a diversidade cultural. Assim surgem, por exemplo, questões sobre o tratamento adequado a alunos que por vezes fogem dos padrões de comportamento esperado; as diversas realidades e como contemplar cada uma delas; a articulação entre o saber que o aluno traz do cotidiano com os saberes propostos pela escola.

Esses questionamentos fazem perceber que a escola ainda encontra dificuldades em trabalhar com as realidades que adentram no ambiente escolar, bem como de responder a diversidade da contemporaneidade que acirra a divisão e o enquadramento entre “ricos e pobres”, incluídos e excluídos”.

Apoiados em Connell (1993) os autores destacam que a justiça curricular ainda se encontra distante da nossa realidade. Esta justiça compreende “os interesses dos menos favorecidos, participação e escolarização comum e a produção histórica da igualdade”. Para alcançá-la, é preciso um trabalho que aja na perspectiva de reduzir as desigualdades e atos discriminatórios. Este trabalho exigirá certamente uma atitude do professor que deverá articular os diversos saberes, objetivos e estratégias levando em consideração os interesses dos grupos menos favorecidos.

Apesar da complexidade e dificuldade, é necessário que os profissionais da educação sejam capazes de ampliar o entendimento e a prática acerca de como direcionar o elemento -cultura- para o centro do seu trabalho, assim terão condições de desenvolverem um trabalho não voltado para o enquadramento e conformismo, mas que seja um constante construir da reflexão, da construção do pensamento crítico e da justiça curricular.

1. Currículo e exclusão cultural



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Podemos perceber que em nome do ideal, da padronização, e por consequência da imposição da cultura dominante, o currículo acaba por corromper identidades culturais, distanciá-las de suas origens, gerando processos excludentes e discriminatórios.

Na concepção do currículo muitos saberes são excluídos por serem pertencentes a grupos considerados sem valor, que não estão de acordo com a cultura padrão, deixam de ser reconhecidos em nome de disseminar outros saberes tidos como de interesse de toda sociedade. A questão implícita nesse discurso é de que o aluno precisa abandonar suas tradições e valores culturais para desenvolver as habilidades necessárias para a vida em sociedade.

Se a relação entre escola e cultura for restringida pelo currículo, dessa forma a cultura do aluno pode ser eliminada e/ou substituída pela cultura legitimada pelo currículo. O currículo não dá conta, ou simplesmente ignora as especificidades do aluno, de sua identidade cultural e do contexto social em que ele está inserido. Além disso, a sociedade está em constante processo de mudança, que devem ser acompanhadas e contempladas no contexto escolar, essa tarefa fica difícil se o docente estiver preso a um currículo conservador e que não dialoga com a diversidade de fato. Atualmente, podemos observar que já existe uma mudança na perspectiva curricular, na tentativa de atender essa diversidade, no entanto as práticas de avaliação (internas e externas), distanciam o professor desse objetivo ao monitorar o cumprimento do que está posto no currículo, por meio desse instrumento de regulação.

2. A escola e a diversidade cultural

Independente do tipo de educação, o questionamento (escola-cultura) se faz presente, pois " a escola é, sem dúvida, uma instituição cultural" (MOREIRA, CANDAU, 2003, p. 160) dessa forma entende-se que o trabalho pedagógico não pode estar desconexo com da cultura, mas entendido como um processo articulado. E no contexto moderno a escola passa a ser entendida como instituição (com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

estrutura predial adequada, planejamento, tempo/espço pedagógico) oficialmente em condições de difundir e perpetuar as gerações vindouras o que de mais expressivo foi produzido pelo homem em questões culturais.

Diante disso é preciso questionar-se sobre o que seja cultura, quem a define e a seleciona para o currículo escolar, a escola está trazendo questões significativas a todos ou a apenas uma linha de pensamento? É exigido de todas as escolas os mesmos resultados (avaliações externas), mas será que estas contemplam as diferentes realidades? Como esta cultura vem sendo trabalhada tendo em vista o contexto social que está inserida?

As pesquisas têm indicado o caráter homogeneizador que a escola vem assumindo na medida que tenta incutir um tipo de cultura verdadeira e absoluta que enquadra o currículo para contemplar apenas a determinados indivíduos e a atender os objetivos das avaliações externas. Esta visão fechada não é capaz de compreender o todo que se encontra na escola. É preciso desvelar esta hegemonia pois mesmo um sistema querendo nortear, o trabalho educativo deve-se compreender que as realidades são muito distintas. Dessa forma, cabe ao sistema educacional entender o pluralismo presente no ambiente escolar, desenvolver práticas que busquem a valorização dessa diversidade, que enfrente a contradição entre as desigualdades culturais e sociais, buscando harmonizar os conhecimentos comuns a todos as particularidades de cada grupo, apresentar opções que desestabeleçam a hierarquia imposta pela padronização.

É preciso trazer elementos que marcam a cultura como um todo (diferentes raças, nações, sexualidade) e considerar a multiplicidade, os diferentes valores e crenças que existem dentro de um mesmo espaço. A proposta do currículo deve assemelhar-se a vida dos alunos.

Moreira e Candau (2003) trazem a reflexão o resultado do estudo com pesquisadores que vem estudando o multiculturalismo. Todos compartilham da mesma linha de pensamento sobre o multiculturalismo onde a "perspectiva emancipatória" demanda um trabalho de identificação das variadas culturas e o saber lidar com as relações de poder que se estabelecem em todo espaço onde há



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

a mistura de culturas. A tarefa do professor é essencial para uma prática multicultural,

Construir o currículo com base nessa tensão não é tarefa fácil e irá certamente requerer do professor nova postura, novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação. Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados. (MOREIRA, CANDAU, 2003, p. 157)

Todos os pesquisadores concordam que para que isto aconteça é necessário que a visão de cultura seja desvelada pelo professor, ou seja, é preciso passar da visão de cultura vendada para uma visão ampla da multiplicidade que encontra-se simultaneamente na sala de aula

A escola deve ser o lugar onde diferentes culturas interligam-se e colaboram-se. É nesse espaço que deve-se buscar construir possibilidades de trocas entre as diferentes culturas, valorizando o enriquecimento resultante dessas experiências. É nele que podemos estabelecer oportunidades para questionar e discutir sobre os discursos e práticas monoculturais, indagando e desconstruindo as relações de poder existentes entre as culturas e o currículo. Nesse contexto, procurar refletir sobre a prática pedagógica. Respeitando e acolhendo as diferenças, alterando práticas, propondo alternativas e buscando compreender os processos de produção e reprodução de conhecimento. Porém, isto só será possível na medida em que expandirmos nossos pensamentos e práticas, para assim conseguirmos atuar na perspectiva de realmente proporcionar esta interação, pois este é um trabalho que exige compromisso, tempo, dedicação e um constante conhecimento pois a sociedade e as realidades estão sempre em movimento. Passar do monocultural para o multicultural constitui o desafio onde as diversas manifestações devem ser vistas e trabalhadas por lentes mais amplas.

Moreira e Candau (2003) sugerem alguns caminhos que possibilitem melhor trabalhar com essa diversidade: Primeiro é preciso reelaborar os conhecimentos tendo em vista as diversas bases étnicas não a partir somente do proposto no currículo, mas a partir de experiências reais.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

É preciso direcionar a prática para confrontar o conhecimento que foi solidificado a partir de um único pensamento dominante e trazer para o espaço escolar diferentes olhares e perspectivas sobre não apenas um conhecimento, mas de vários que se interligam na sociedade.

Também é importante atentar-se para o modo como trabalhamos com os conteúdos. Deve-se olhar para além do proposto em um conteúdo e localizá-lo socialmente, ou seja, ver em que configuração e momento histórico um determinado conhecimento apareceu, qual a linha de pensamento se sobrepunha na construção desse conhecimento (pois este fator influencia na própria construção). Assim não ficaremos presos a ideia de que os conteúdos são imutáveis.

Partindo do pensamento de Willinsky (1998), propõem o questionamento sobre qual dinâmica faz com que muitas vezes nós sejamos divididos, rotulados culturalmente e isso seja visto com um caráter natural. É preciso compreender para abrir espaço na escola para as diversas culturas. A contribuição de Willinsky é que rejeitemos a homogeneização e padronização cultural e passemos a inserir nas disciplinas diferentes aspectos raciais, sexuais, de gênero.

O professor deve ser a figura responsável por mediar a construção do espaço escola como de “crítica cultural” onde ele auxilie os alunos a importância de indagar-se sobre questões que geralmente são aceitas como natural.

A perspectiva multicultural não determina a cultura, mas incentiva o desenvolvimento da cultura por meio da liberdade e do incentivo do respeito as diferenças. Nesse contexto, o professor não permanece alheio as diferenças e desigualdades culturais, não apenas reproduz o que está posto na cultura dominante, mas procura fornecer ferramentas que permitam o igual desenvolvimento que permita a formação do cidadão competente para participar da vida social e para respeitar as diferenças e a diversidade cultural.

Entendendo que a cultura é essencial para o desenvolvimento do homem e que “sem os homens não haveria cultura, mas de forma semelhante e muito mais significativamente, sem a cultura não haveria homens”, entende-se que a cultura constrói e é construída, e que nesse processo o desafio da escola é possibilitar às



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

camadas populares o acesso à cultura, sem que para isso tenham que renegar suas origens, tenham que deixar de lado manifestações específicas de sua própria cultura, e o reconhecimento de que eles também são participantes do processo de construção da cultura.

3. Estratégias pedagógicas para uma perspectiva multicultural

Uma das questões centrais para se concretizar a educação voltada para a diversidade cultural é trazer para a realidade escolar o debate sobre discriminação e preconceito e direcionar o trabalho na perspectiva de rejeitar práticas de natureza discriminatórias que ora se dão de maneira aberta, ora por comportamentos sutis que nem mesmo os professores tomam consciência de que estão contribuindo.

A escola encontra-se rodeada por inúmeras realidades e como já visto anteriormente ela tem assumido a visão monocultural onde apenas um tipo de cultura é verdadeira. Este fator tem contribuído substancialmente para que outras manifestações sejam tratadas como fora do padrão estabelecido. O primeiro passo na direção de modificação do cenário discriminatório é não mascarar a existência do problema e trazer o assunto para discussão, pois o silêncio é um fator de grande influência para que a discriminação se solidifique.

Após a identificação os professores devem buscar efetivar um trabalho em conjunto tanto com os demais docentes quanto com os seus alunos, pois quando o trabalho é coletivo cada um contribui um pouco para a construção de um espaço aberto a diversidade.

Além disso é extrema importância as conversas entre docente e discentes que instiguem o reconhecimento da autoestima, respeito e valorização primeiro de si mesmos e posteriormente dos colegas. No entanto, para que a multiculturalidade seja uma prática presente no cotidiano escolar, ela não pode transformar-se num discurso vazio, mas transformar-se em comportamentos, atitudes e ações que valorizem a diversidade. Através da sua própria postura o professor pode estar estimulando os demais a exercitarem estes valores. Pode-se por exemplo,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

disponibilizar materiais sobre a diversidade cultural, elaborar projetos que levem os alunos a conhecer as diferentes manifestações culturais presentes no contexto em que estão inseridos, desenvolver ações que valorizem a pluralidade cultural e incentivem o respeito as diferenças, criar meios que façam com que os alunos entendam a gravidade de ações discriminatórias, para que eles venham a repudiar qualquer tipo de discriminação, por meio de palestras, vídeos de conscientização e até mesmo dinâmicas que promovam a interação entre os diferentes grupos e que os faça perceber a importância dessas diferenças. Além disso promover cursos de formação inicial e continuada para professores que atendam a essas questões, e permitam que ele possa refletir sobre uma prática cultural inclusiva.

Não se trata de um trabalho rápido e fácil, exige dedicação e ousadia pois estamos imersos em uma cultura que não favorece o trabalho com o multicultural. Porém através de atitudes diárias o professor tem condições desvelar a visão restrita que se tem difundido sobre cultura e ampliar a visão dos alunos a de fato reconhecerem as várias culturas.

Conclusão

Promover uma educação numa perspectiva multicultural constitui-se numa tarefa demasiadamente complicada, que necessita de estudos e reflexões. Inserir esses valores no currículo, requer um compromisso com novas práticas, com uma postura crítica e reflexiva que busque compreender a escola como um espaço submerso num contexto social e cultural no qual há relações de poder, que excluem as culturas minoritárias. Nesse contexto o professor precisa agir na “contramão” de um currículo homogeneizador, deixando de buscar gerar cidadãos uniformes, conformados ao que está posto como legítimo, mas contribuindo para o desenvolvimento de indivíduos com valores e identidades próprias e que saiba respeitar e valorizar a diversidade.

É preciso entender que alunos são diferentes entre si, que se expressam de diferentes formas, e que tem características culturais distintas. Não se pode



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

esperar, portanto que se comportem de forma igual diante das mais variadas situações, nesse caso não faz sentido um currículo igual para todos. É preciso termos um currículo que compreenda a complexidade da diversidade cultural, social, econômica, religiosa e política que o professor encontra em sala de aula. Enquanto isso não ocorre no currículo prescrito, é no real que o professor deve exercitar essa prática, é na vivência que o professor deve identificar e debater permanentemente problemas relacionados ao preconceito e a discriminação. É na prática que ele deve reconhecer que a própria escola, o currículo, e a própria ação dele podem reforçar os mecanismos de exclusão, a reflexão da própria prática é um passo fundamental em favor da construção de um currículo, de uma escola, de uma sociedade mais justa. É necessário ver a diversidade como um dado positivo, liberá-la de olhares preconceituosos. O papel do educador é fundamental nesse processo, quer queira ou não ele é peça fundamental da construção do currículo que se materializa na escola.

Portanto, para a construção de currículos multiculturalmente orientados insistimos inicialmente, na necessidade de uma nova postura na reescrita dos conhecimentos escolares em que se evidencie a ancoragem social desses conhecimentos, e não na supervalorização dos conhecimentos da classe dominante e na rejeição de qualquer conhecimento produzido pelas classes minoritárias e, por fim, na transformação da escola e do currículo em espaços de crítica cultural, de diálogo e de desenvolvimento de pesquisas. Esse é um caminho difícil e contraditório, mas necessário para se propor um movimento de reestruturação curricular.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

REFERÊNCIAS

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa e CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos.** Rev. Bras. Educ. [on-line]. 2003.

SACRISTÁN, J.G. **O currículo: Uma reflexão sobre a prática.** 3 ed. Porto Alegre. ArtMed, 2000.

CONNELL, Robert W. **Schools and social justice.** Montréal: Our Schools/Our Selves Education Foundation, 1993.

WILLINSKY, John. **The educational politics of identity and category.** *Interchange*, v. 29, nº 4, 1998. 385 a 402 p.